

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANTÔNIO SCHWANKE (8928207)
ESSI RAFAEL MONGENOT LEAL (9775384)



Da Vila Olímpia ao Grajaú:
Aspectos globais da cidade de São Paulo
(Resenha 2 do curso “Persistência e Mudança Social”)

São Paulo
2017

INTRODUÇÃO

A modernidade, baseada em noções de ordem e progresso totalizantes, atingiu um ponto de contestação e esgotamento em meados do século XX. Na França, os protestos estudantis de maio de 68 são símbolo das mudanças que pairavam no horizonte: libertação sexual, paz, contracultura; marchas pela conservação do meio ambiente; movimentos em prol dos direitos de mulheres, gays e negros. Logo, na esteira dos gritos de dissidência à tradição, surgem o fracionamento identitário e o pensamento pós-moderno. Nas artes plásticas, a sátira e o pastiche ganham espaço, no cinema emergem os filmes de autor.

Contudo, as transformações culturais que contaminam o mundo a partir da década de 60, não constituem, na visão de pensadores como David Harvey, um rompimento em relação à organização econômica do passado. Ao contrário, representam mais um estágio do capitalismo, no qual o comportamento de certos grupos urbanos da elite adquirem contornos específicos, enquanto as desigualdades socioeconômicas permanecem. O declínio do modo de produção fordista e das diretrizes políticas keynesianas não representam a ascensão de uma sociedade pós-capitalista.

O modelo que emerge para reger as relações internacionais ao final do século XX se baseia no fim do protecionismo estatal e na desregulamentação da economia, medidas que resultam na livre circulação do capital global. As alterações causadas pela reorganização dos fluxos de capital no mundo dão ensejo a novos estudos em diversas áreas do conhecimento, momento no qual surgem termos como “neoliberalismo” e “globalização”.

Nesse contexto, o trabalho da geógrafa holandesa Saskia Sassen, primordialmente voltado para a análise de fenômenos que caracterizam o capitalismo contemporâneo, é importante no sentido de representar os efeitos da globalização na organização socioespacial do mundo, observáveis com mais facilidade em certos centros urbanos de características específicas, as chamadas cidades globais, termo cunhado pela holandesa em 1991 em seu livro “A Cidade Global”, à época em

referência somente às cidades de Nova York, Tóquio e Londres.

O objetivo deste trabalho é examinar alguns dos elementos que caracterizam uma cidade global, de acordo com o pensamento de Sassen, e transpô-los de forma interpretativa para a cidade de São Paulo, de forma a verificar como seus conceitos podem ser associados à realidade da maior metrópole brasileira. A análise sobre São Paulo será mediada por um conjunto de fotos feitas pelos autores da resenha no dia 11 de julho de 2017. As imagens foram realizadas em visitas aos arredores de duas estações de uma mesma linha de trem - a estação Vila Olímpia, em cujos entornos se encontra o centro financeiro de São Paulo, e a estação Grajaú, situada em uma área considerada periférica, na Zona Sul da cidade.



ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM UMA CIDADE GLOBAL

Com o declínio do modelo de organização verticalmente integrado, no qual todas as etapas produtivas eram levadas à cabo por uma mesma companhia, a dinâmica de produção se fracionou e se espalhou geograficamente em prol da competitividade. Para Saskia Sassen, o espraiamento produtivo a nível global tornou necessária a centralização administrativa, de forma que uma complexa rede de fluxos comerciais pudesse ser gerida de modo mais eficiente.

Em suporte ao novo paradigma econômico global, desenvolve-se uma gama de serviços especializados nos centros onde estão localizadas as sedes administrativas das empresas multinacionais. Utilizados como meios de promover ganhos de produtividade, os setores que ganham proeminência com o caráter transfronteiriço da produção incluem os serviços financeiros, de consultoria, de auditoria, de pesquisa e desenvolvimento, de suporte jurídico, de publicidade e propaganda, de informática, dentre outros. Emergem assim as grandes empresas de serviço globais, que paulatinamente se espalham por diversos centros urbanos do mundo. Nas palavras da pensadora holandesa:

“[...] quanto mais globalizadas e mais informatizadas se tornam as operações de empresas e mercados, mais estratégicas e complexas se tornam sua administração central e suas funções de serviços especializadas [...]”

(Sassen, 2010, pág. 20)

Outro fator que caracteriza o novo momento do capitalismo é a desindustrialização dos países desenvolvidos, cujos antigos centros industriais entram em decadência à medida que os custos mais baixos de mão-de-obra deslocam inúmeros processos produtivos para outras regiões do mundo, tais como a Ásia e, em menor escala, a América Latina. Portanto, na definição de Sassen, uma cidade global é um local central na administração produtiva global, que surge em sociedades pós-industriais, caracterizada pela ampla oferta de serviços especializados.

UMA ANÁLISE DE SÃO PAULO EM TERMOS DE FUNÇÕES GLOBAIS



Fig. 1 - Avenida Brigadeiro Faria Lima.

O modelo produtivo brasileiro baseado na política de substituição das importações entrou em crise nos anos 80, resultando na liberalização comercial e na desregulamentação financeira, o que permitiu uma profunda reestruturação produtiva no Brasil e em seu principal centro financeiro e industrial - a cidade de São Paulo. A partir das políticas dos governos democráticos pós-ditadura militar, o Brasil aderiu, portanto, às tendências do mercado global e às medidas econômicas preconizadas pelo corporativismo transnacional e pelos órgãos internacionais de finanças e comércio.

O fim do protecionismo e a abertura comercial significaram que as empresas brasileiras deveriam se pautar sobretudo pela produtividade, sob pena de não sobreviverem à competição do novo mercado. Uma das consequências imediatas desse processo foi o aumento vertiginoso de empregos nas áreas de serviços destinados ao apoio da produção. Segundo dados da RAIS¹ (*apud* Abdal, 2009, pág. 79), entre os anos de 1995 e 2005 o número de pessoas empregadas no setor de

¹ Relação Anual de Informações Sociais

serviços produtivos na região metropolitana de São Paulo subiu de cerca de 855 mil para quase 1,3 milhão - um aumento de 51% em dez anos, cifra consideravelmente maior do que a taxa de 20% de crescimento total de empregos registrada no mesmo período.



Fig. 2 - No interior de luxuosos edifícios se encontram os escritórios de grandes empresas de consultoria (Ernst & Young), de software e serviços online (Google), de publicidade e propaganda (Publicis) e de instituições financeiras (Itaú, Morgan Stanley, BTG Pactual).

Na organização socioespacial da cidade de São Paulo, o resultado foi a concentração das sedes dos escritórios administrativos de grandes empresas, de instituições financeiras e de serviços especializados nos entornos da Avenida Brigadeiro Faria Lima e em trechos próximos à marginal Pinheiros. Paralelamente, uma ampla rede de estabelecimento comerciais de alto luxo, tais como restaurantes, hotéis e shoppings se fixaram na mesma região.

Contudo, se sob o aspecto da ampla oferta de serviços especializados a cidade de São Paulo pode ser considerada parte integrante de uma rede global, é importante

enxergar certas matizes que a diferenciam de centros como Londres ou Nova York. As grandes empresas de atuação global, em sua maioria, não são de origem brasileira. Quando filiais administrativas de grandes corporações de produção - tais como Unilever ou Nestlé - ou de serviços financeiros - Credit Suisse, J.P. Morgan, Citibank - se instalam em São Paulo, sua função não é de controle central global². O papel de São Paulo enquanto centro administrativo é de cunho muito mais regionalizado, seja abrangendo apenas o território nacional ou, num contexto mais amplo, a América Latina.

Além disso, não se pode afirmar que São Paulo esteja inserida no contexto pós-industrial da mesma forma que as cidades centrais do capitalismo ocidental. Apesar de alguns pólos industriais terem entrado em decadência e de certos setores terem sido descentralizados, a região metropolitana de São Paulo continua sendo o principal centro industrial do Brasil, com especial destaque nos setores intensivos em tecnologia - que dependem dos serviços e do conhecimento disponibilizados na capital paulista.

² As poucas exceções são constituídas por empresas brasileiras com atuação significativa no mercado internacional - como, por exemplo, Itaú Unibanco e BRF.

DESIGUALDADES DA GLOBALIZAÇÃO

“O crescimento das atividades globais de administração [...] trouxe consigo uma massiva melhoria e expansão de áreas urbanas centrais, mesmo que grandes porções dessas cidades se aprofundem na pobreza e experimentem a decadência em sua infraestrutura.”

(Sassen, 2010, pág. 26)



Fig. 3 - Grajaú, Zona Sul de São Paulo.

Se os centros financeiros das chamadas cidades globais representam a imagem mais luxuosa e conhecida da globalização, Saskia Sassen aponta que existe uma face oculta do mesmo processo, no qual se situam as camadas sociais mais vulneráveis e com baixo grau de escolaridade.

Enquanto os empregos de alta qualificação do corporativismo global recebem remunerações cada vez mais altas, o aumento de renda dos trabalhadores de menor qualificação não segue o mesmo padrão. Os supersalários dos executivos, frequentemente situados além do valor de suas produtividades reais, são apontados

como uma das razões pelas quais a desigualdade salarial em países EUA e Grã-Bretanha cresceu nas últimas décadas (Piketty, 2014).



Fig. 5 - Rubenildo, situado na imagem à esquerda, mora em Parelheiros, bairro periférico da Zona Sul de São Paulo, e trabalha como segurança de um prédio que abriga lojas e escritórios comerciais na Vila Olímpia, região onde circulam executivos de grandes corporações globais.

De fato, existe uma massa invisível de trabalhadores - como os seguranças e as profissionais de limpeza dos grandes edifícios corporativos - que fazem parte das dinâmicas globais e, no entanto, são desvalorizados pelo mercado. Por isso, a informalidade acaba sendo o caminho escolhido por muitos trabalhadores que não encontram espaço no mercado formal, que apresenta flexibilidade de escolhas apenas para aqueles que possuem alto nível de escolaridade.

Além da baixa remuneração dos serviços de menor qualificação, Sassen identifica uma crescente segmentação social e étnica de trabalho, verificada com especial nitidez nas cidades globais. É notória a baixa participação de grupos que se declaram pretos, pardos ou indígenas nos postos de trabalho mais qualificados do Brasil. Porém, dentro de um país que apresenta desigualdades desde sua gênese, não se pode apontar a globalização como principal e único fator responsável pelas mazelas sociais contemporâneas em cidades como São Paulo. Contudo, as forças do mercado global pouco ou nada contribuem para sanar as diferenças de acesso à serviços públicos básicos entre os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira.



É importante ressaltar que, ao escrever sobre o tema da segmentação de trabalho, Sassen tinha em mente os fluxos de imigrantes rumo aos países centrais do Ocidente, cuja inserção se deu primordialmente por meio de empregos de baixa qualificação. Os imigrantes são parte crucial da rede transfronteiriça global, e representam com agudeza o dilema da desigualdade econômica entre nações.



Fig. 6 - Mustafá está no Brasil há 3 anos e atua no comércio informal. Ele é senegalês, veio para o Brasil por influência de um amigo e estava trabalhando juntamente com alguns compatriotas ao lado da estação de trem do Grajaú.

Mesmo que em números relativamente pequenos, o Brasil passou a receber ondas migratórias derivadas da maior mobilidade transnacional e da evolução das redes de informação globais. Em anos recentes, São Paulo, a cidade brasileira que mais abriga cidadãos estrangeiros, viu o surgimento de levas significativas de migrantes africanos e latino-americanos. Porém, a inserção dos migrantes varia enormemente conforme seu país de origem e situação social. Com frequência, congolese, senegaleses, haitianos e sírios com diploma universitário são obrigados a trabalhar fora de sua área de competência, não recebem oportunidades de cursos profissionalizantes e se inserem nos setores de menor remuneração do mercado de trabalho, vivendo em condições similares às parcelas mais vulneráveis da população paulistana.

Por isso, ao se analisar alguns elementos da integração brasileira ao mercado global, não se obtém um quadro social positivo. A falta de políticas públicas que promovam a qualificação de grandes parcelas da população e a concentração dos investimentos do capital global nas áreas centrais de São Paulo contribuem para que a desigualdade entre bairros como Vila Olímpia e Grajaú - situados ao alcance de uma mesma linha de trem - se tornem cada vez maiores, uma vez que a quantidade e a qualidade dos serviços públicos e privados disponibilizados em ambas as regiões são extremamente assimétricas - vide análise das Figuras 7 e 8.

Estação Vila Olímpia



Fig. 7 - A partir de um raio de 200 metros de distância da estação Vila Olímpia podem ser encontrados vários estabelecimentos comerciais de origem estrangeira. A região conta com inúmeros serviços especializados, tais como a disponibilização online de suas ruas por meio do aplicativo Google Street View. Além disso, os espaços públicos de lazer são extremamente bem conservados e contam com vigilância permanente.

Estação Grajaú



Fig. 8 - Nos entornos da Estação Grajaú não se vêem redes de fast food internacionais. São mais frequentes as lanchonetes administradas por moradores locais que tentam atrair o público com preços baixos. Diversas ruas da região não estão registradas pelo aplicativo Google Street View, enquanto os espaços públicos apresentam sinais de manutenção deficiente, tais como mato alto e lixo não recolhidos.



CONCLUSÃO

A abertura ao comércio e ao investimento internacional trouxe mudanças expressivas na organização socioespacial da cidade de São Paulo, cujas consequências podem ser identificadas como ambíguas. Se, por um lado, a cidade consolidou-se como o principal centro financeiro e de serviços do Brasil, com a presença de inúmeras empresas de atuação global, por outro as desigualdades sociais e geográficas não foram amainadas, uma vez que os capitais internacionais privados não atingem diversas áreas periféricas do município.

Mesmo que o termo cidade global possa ser criticado por seu caráter um tanto genérico, que não permite vislumbrar diferentes características de inserção global entre as cidades que apresentam papel sistêmico central das cidades com orientação mais regionalista, a reflexão proposta pela geógrafa holandesa Saskia Sassen é de imenso valor na análise do mundo contemporâneo.

Suas considerações permitem concluir que, numa sociedade transfronteiriça e com amplas redes de conexão entre as cidades, somente os fluxos do capital global não irão sanar os problemas sociais de locais como São Paulo. Na realidade, uma vez que os investimentos privados tendem a se concentrar nas regiões mais prósperas dos municípios, a tendência é que a desigualdade aumente caso políticas públicas não sejam implementadas, ou seja, que regiões como a Vila Olímpia sejam cada vez mais desenvolvidas em relação a bairros como o Grajaú.

David Harvey, não à toa, rotulou o presente estágio socioeconômico mundial como uma nova etapa do capitalismo - um sistema que, de acordo com sua visão, tem na desigualdade uma de suas principais características.



BIBLIOGRAFIA

ABDAL, Alexandre. **São Paulo, desenvolvimento e espaço: a formação da macrometrópole paulista**. São Paulo: Papagaio, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. São Paulo: Intrínseca, 2014.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.